

FRINI GEORGAKOPOULOS

SOU FÃ! E AGORA?

UM LIVRO PARA QUEM
É APAIXONADO POR HISTÓRIAS

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Frini Georgakopoulos

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou
em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO Ale Kalko

ILUSTRAÇÕES Pedro Piccinini (ícones) e Shutterstock

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Márcia Moura e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Georgakopoulos, Frini

Sou fã! E agora? : um livro para quem é apaixonado
por histórias / Frini Georgakopoulos. — 1^ª ed. —

São Paulo : Seguinte, 2016.

ISBN 978-85-5534-015-1

1. Ficção juvenil I. Título

16-04845

CDD- 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 13 |
| | |
| PRIMEIRA PARTE: Jovem romance ou romance jovem? | 15 |
| YA? É de comer?! | 16 |
| Young At Heart | 24 |
| Temas jovens: de hoje, ontem e sempre | 26 |
| Angústia jovem | 32 |
| Vai ter clichê, e se reclamar vão ter vários! | 38 |
| A Teoria dos Dois Gatinhos | 40 |
| | |
| SEGUNDA PARTE: Por que amamos as histórias | 47 |
| De Hogwarts até a esquina de casa | 48 |
| Maldade é apenas um ponto de vista | 52 |
| O heroísmo não está morto | 58 |
| Conflitos, tensão e salve-se quem puder | 62 |
| No ritmo do virar de página | 66 |
| O poder das entrelinhas | 70 |
| Até que o autor nos separe | 72 |
| | |
| TERCEIRA PARTE: Eu e o livro, o livro e eu | 77 |
| Dez coisas que eu odeio em um livro | 78 |
| Trilha sonora literária | 82 |
| Perdoe-me, matei um livro | 86 |
| Confissões de um livro | 90 |
| Preconceito literário | 94 |
| Obrigada, autor | 100 |

| | |
|---|----------------|
| QUARTA PARTE: A jornada do fã | 105 |
| Sou fã! E agora? | 106 |
| Quando o livro ou o seriado não é mais o suficiente? FANFICTION! | 108 |
| Com que roupa eu vou? De Cosplay, claro! | 118 |
| Um livro, um fã e um microfone | 124 |
| Bienal Internacional do Livro: você está preparado? | 134 |
| Ser fã também é pagar mico em grupo | 140 |
| Eu blogo, tu twittas, ele vloga | 146 |
| Nossa voz | 154 |
| Agradecimentos | 156 |
| Recomendações de leitura | 158 |

INTRODUÇÃO

Vamos começar colocando todas as cartas na mesa: você é fã e ninguém tem nada com isso.

Nem aquela sua tia mala que fica toda hora “Por que você gosta tanto dessa atriz? Vai namorar alguém de verdade”.

Nem o seu irmão que teima em soltar uns “Não adianta ficar suspirando... Não existe gente assim na vida real!”.

Nem os seus amigos, que simplesmente não entendem que não dá pra ir pra balada porque é o final da temporada do seriado e você *tem* que ver, ou vai tomar spoiler!

Esquenta não. Você não está sozinho nessa!

Sou apaixonada por personagens fictícios e tenho relacionamentos sérios com vários deles (plural!). Simultaneamente. **#NÃOMEARREPENDODENADA** Sei que você também tem e que, provavelmente, gostamos dos mesmos. Tudo bem, não sou ciumenta.

E se você está com este livro nas mãos, sabe exatamente do que estou falando. Rola o sentimento de desolação quando o seu personagem favorito morre, hashtags de torcida para o seu ator preferido conquistar um prêmio, e o peito aperta e a respiração fica mais tensa quando um show da sua banda do coração se aproxima.

Você já tá balançando a cabeça e pensando “NOSSA! É ISSO MESMO！”, né?

Pois é, somos fãs! Mas e agora?

primeira parte

jovem
romance
ou
romance
jovem?

YA? É DE COMER?!

Escolhi dedicar a primeira parte do livro à literatura YA porque foi com ela que meu lado FANÁTICO começou a aflorar.

Em um de seus vídeos, o autor John Green definiu superbem o que é ser nerd: segundo ele, ser nerd quer dizer que nós somos empolgados com artes e pessoas reais e/ ou fictícias. Nós gostamos muito de alguma coisa bacana e não devemos ter medo de expressar nosso amor. Ou seja, além de nerds, somos fãs.

Há algum tempo, ser fã significava ser exagerado, fanático. Ser nerd também era sinônimo de ser antissocial, esquisito e pateta. Hoje, ser fã é quase que padrão, e ser nerd é DEMAIS! Até porque se você não é fã de nada, nadinha que seja... parece que você é um navio sem bússola, à deriva, sem ter para onde ir e razão para chegar lá.

Ser fã é admirar algo além de nós com tanto fervor que nos faz querer ser uma pessoa melhor. Ser fã é ter sentimentos reais por personagens fictícios porque enxergamos



Veja em:
<https://youtu.be/rMweXVWB918>

neles características que admiramos, que buscamos. E se isso também nos leva a ser nerd, ÓTIMO!!!

John Green é um autor YA. A sigla YA (pronunciada *uai-ei*) quer dizer Young Adult, ou seja, literatura jovem adulta. Muito já se divagou sobre o que isso quer dizer. Listo abaixo algumas conclusões:

- 1) Os protagonistas das obras são adolescentes.
- 2) Os leitores são adolescentes (em corpo ou espírito ou ambos).
- 3) Os temas abordados são os que rondam a adolescência, como perda da virgindade, identificação/ orientação sexual, *bullying*, depressão, formação de caráter, escolha de carreira, pressão familiar e na escola... Basicamente a nossa vida desde que nos entendemos por gente!
- 4) É apenas uma maneira de classificar os livros nas livrarias para que pais e professores saibam o que estão comprando (e fiquem de olho no que estamos lendo).
- 5) Todas as respostas acima juntas e misturadas.

Eu particularmente VE-NE-RO a literatura jovem adulta. Quando ela é lida durante a adolescência, gera uma identificação, um fortalecimento. É como se fosse um espelho que não julga, mas nos coloca para refletir. Faz sentido? Acho que faz.

Essas histórias que se passam em época escolar são extremamente nostálgicas. É como se, através delas, pudéssemos colocar nossa vida, nossas paixões (de hoje ou de ontem) em perspectiva, sabe? Como se pudéssemos fazer e ser o que quiséssemos, independente da idade.

Quando somos adolescentes, tudo o que queremos é crescer logo para estudar o que gostamos (XÔ, FÍSICA!) e ter nosso próprio dinheiro. E essa literatura, quando lida depois dessa fase, é uma delícia, pois faz relembrar as coisas boas. Ao mesmo tempo, porém, al-

guns aspectos ruins da adolescência ainda podem nos afetar. E tudo bem. Se conseguimos identificar o que ainda nos fere fica mais fácil aprender a lidar e até resolver. Viu? E você achando que só livro de autoajuda faria a diferença? Todo livro ajuda, inclusive YA!

O.K., JÁ SABEMOS O QUE É YOUNG ADULT, MAS E NEW ADULT?

New Adult é meu gênero favorito depois do YA.

Ele traz personagens um pouco mais velhos e, consequentemente, os temas seguem a idade dos protagonistas: se dar bem na faculdade e nos primeiros empregos, encontrar o amor, se aceitar como é etc. Ah! E com cenas mais *calientes!* #HOTHOT

Adoro New Adult porque sinto como se fosse o próximo passo depois de YA, sabe? Existem vários livros excelentes nesse gênero, mas minha autora favorita é Colleen Hoover (LEIAM!) e adoro o livro *Easy* da Tammara Webber. As duas já passaram pelo Brasil e se amarraram em nós, fãs brasileiros!

É possível, sim, tirar força e coragem das páginas de um livro. Quando li *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, fiquei apaixonada. Não só porque a narrativa de Salinger é sensacional, mas porque Holden era angustiado exatamente como eu era. Me identifiquei com ele e entendi que o que estava passando era normal e que as coisas iam melhorar. Ou que eu ia melhorar para encarar as coisas. Ler o livro foi como ir a uma cartomante que me falasse “Relaxa, querida, vai dar tudo certo”. Só que com um pouco mais de credibilidade. Estranho, né?

Uma vez, minha avó me disse que o livro *O pequeno príncipe* muda de significado de acordo com a idade em que lemos. E realmente acontece, porque, por mais que a história de um livro seja imutável, quando a lemos em épocas diferentes não somos mais o mesmo leitor e vamos interpretá-la, senti-la de maneira diferente. Mas isso não acontece só com *O pequeno príncipe*. Durante algumas releituras eu cheguei a pensar “Nossa! Como é que eu gostei tanto desse livro quando li?”, e outras vezes “Entendi por que amei esses personagens, e ainda amo”.

Quando um autor escreve um livro, ele conta a história como acha melhor, mas não tem tanto controle sobre como cada leitor vai interpretar. Isso porque, depois que o livro chega à prateleira, cada um de nós preenche as lacunas da narrativa com nossos medos, anseios, vontades, vivências, paixões. E o livro se torna mais nosso. E como nós mudamos ao longo da vida, a narrativa também. Não importa se a história é a mesma: nós não somos.

*Nota aleatória:
quando li O
apanhador
no campo de
centeio, foi a
primeira vez
que conheci o
nome Phoebe,
que é a irmã do
protagonista.*

*Sim, isso foi
MUITO antes
de Friends
existir. Enfim,
a personagem
é um amor,
mas toda vez
que aparecia,
eu lembrava
da embalagem
daquele
sabonete
PHEBO.*

*HAHAHAHA!
Que nome de
personagem
você
pronunciava
MUITO errado
e só descobriu
depois? Anota
aqui!*



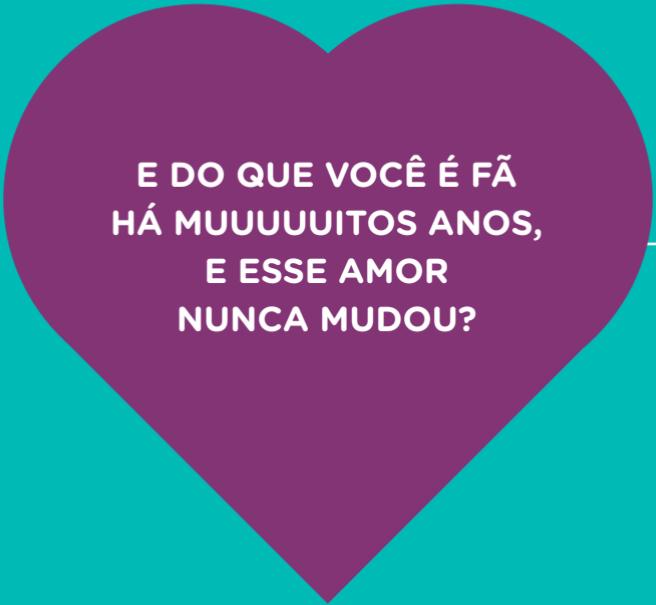
METAMORFOSE AMBULANTE

Com o passar do tempo, nós mudamos
muito como leitores — e como fãs.
Preencha abaixo sua metamorfose!

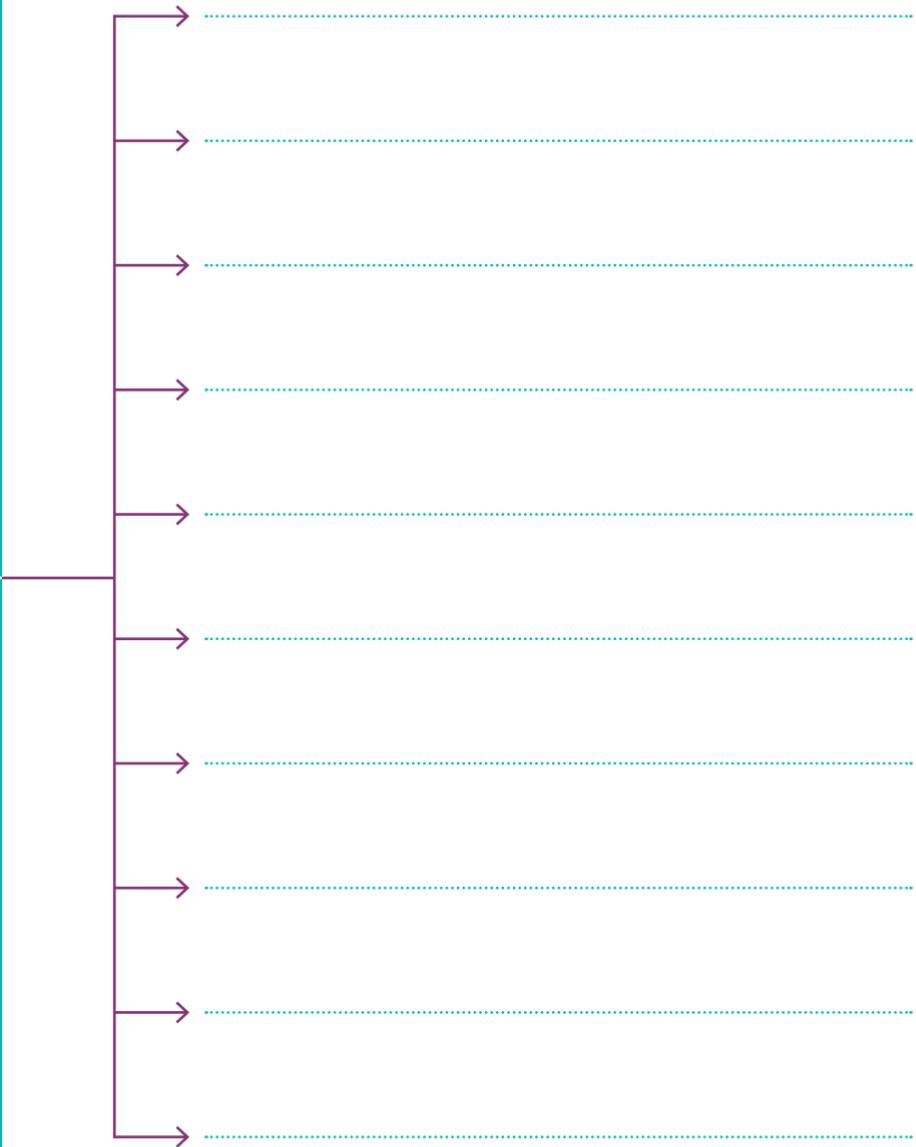
**DO QUE EU ERA
(OU VOU SER)
FÃ COM...**



AMOR ETERNO, AMOR VERDADEIRO



E DO QUE VOCÊ É FÃ
HÁ MUUUUITOS ANOS,
E ESSE AMOR
NUNCA MUDOU?



YOUNG AT HEART

Além de ser um gênero literário, acredito que YA é um estado de espírito, uma filosofia de vida. Lá nos Estados Unidos, tem rolando uma discussão sobre rebatizar o gênero como YAH, ou Young At Heart (literalmente, “jovem de coração”, ou seja, jovem de espírito). Esse debate é motivado pela percepção geral de que muitos leitores de YA são adultos, não jovens. Mas se o termo foi criado apenas para designar a estante onde o livro estará na livraria ou os temas abordados, por que tanto teretetê sobre quem lê?

Segundo um artigo bem polêmico publicado nos Estados Unidos, adultos deveriam se sentir envergonhados de lerem livros escritos para crianças e adolescentes. Sério? Sério mesmo? Não faz o menor sentido alguém se sentir envergonhado de ler qualquer coisa! Achar que adultos não devem ler YA é o mesmo que achar que HQs são só para crianças. Mas quem defende isso argumenta que adultos deveriam achar a narrativa YA muito simplória e buscar leituras mais



*“Against YA”,
escrito por
Ruth Graham
e publicado na
revista on-line
Slate em junho
de 2014.*

desafiadoras. Concordo que desafiar nosso gosto literário é uma excelente forma de descobrir novos gêneros, autores e livros, mas para isso não é preciso depreciar nada. O adulto pode ler o que quiser — e se ele quiser ler YA, contos de fadas, HQs, autoajuda, biografias ou o escambau, ele não só pode como deve!

Então por que o preconceito com YA? O mercado literário está repleto de autores e títulos que fazem tanto sucesso que estão virando filmes (de igual sucesso). Como isso pode ser algo ruim se significa que mais pessoas — independente da idade — estão lendo? Existem livros YA repletos de clichês e com tramas simplórias? Sim, mas não devemos generalizar. Há livros simplesmente essenciais na estante de qualquer pessoa que são do gênero jovem adulto. Além dos livros que citei e ainda vou citar aqui, outros exemplos são *Fale*, da Laurie Halse Anderson, e *Mentirosos*, da E. Lockhart, dois livros que trazem uma carga dramática muito pesada, tratando de abuso, de perda de identidade e de traumas que marcam e mudam a vida. Isso levando em consideração apenas a história de cada um. Quando falamos do estilo narrativo, a coisa fica ainda mais séria, porque ambos são dignos de serem analisados, de ter seus elementos de estilo estudados.

E, sinceramente, embora YA busque refletir momentos e situações da juventude, não é documentário, é ficção! Nós, como leitores, não buscamos viajar nas histórias? Então por que com YA seria diferente? Por que sentir vergonha de ler esse gênero tão rico em temas e sensações?

Assim como adultos não precisam ter vergonha de ler YA, também não precisam ter vergonha de ser fã. E quando o lado fã aflora, não basta curtir e acompanhar o seriado ou assistir ao filme, é preciso se tornar o mais próximo possível daquilo que adoramos. YA é uma forma de escapismo, de nostalgia, de se deliciar com livros jovens que têm sim seu mérito literário. E mesmo se uma história for apenas uma história, se ela nos faz sentir algo já não serviu seu propósito?

TEMAS JOVENS: DE HOJE, ONTEM E SEMPRE

A literatura jovem adulta aborda uma ampla gama de temas característicos da adolescência, que norteiam a formação do caráter do futuro adulto. Entre eles estão como lidar com o famoso *bullying*, ceder ou não à pressão dos amigos para tomar decisões estúpidas, ousar ser autêntico quando o mais fácil é ser igual aos demais, questionar como será o futuro e muito mais. A adolescência é uma época de “primeiras vezes”, de experimentação, o que é perfeitamente normal, e ler sobre esse período em páginas que trazem uma protagonista interessante é uma ótima maneira de lidar com essa turbulenta fase de extremos.

Mas a verdade verdadeira mesmo é a seguinte: a adolescência é a época mais louca da vida!

Primeiro, porque é uma das épocas em que mais se sofre preconceito. Ou vai dizer que nunca ouviu alguém falar “Ah, mas a dona Fulana tá estressada porque é mãe de adolescente”? Ou viu a cara de alguém se contorcer toda quando falam “Tenho um filho adolescente”? Pessoalmente, acho isso um absurdo! Na boa, é a época com mais mudanças e em que somos menos compreendidos!

Quando a gente pega um livro YA para ler, sendo adolescente ou não, a sensação é de botar as coisas no eixo. É como se estivéssemos vendo a nossa vida — ou frações dela — de fora, podendo examinar melhor cada aspecto.

Li um livro sensacional chamado *À procura de Audrey*, da Sophie Kinsella. Audrey tem catorze anos e foi diagnosticada com transtorno de ansiedade e episódios depressivos, ambos decorridos do *bullying* que sofreu. Isso mexeu muito comigo! Já sofri *bullying* na escola, mas como sempre fui da pá virada, me virei bem. Mas nem todo mundo é assim e só consigo imaginar como deve ser difícil não ter como se defender ou não saber como fazer isso. E o apoio dos amigos, dos parentes e professores é essencial! Ao ler *À procura de Audrey*, entendi um pouco mais como as cicatrizes dessa maldita prática afetam não só quem sofre, mas a família da vítima. E os caquinhos depois nem sempre se encaixam.

Tive a oportunidade de falar com Sophie Kinsella sobre essa escolha de tema para seu livro — já que ela é a rainha do *chick lit* e esse foi o primeiro romance YA que escreveu — e ela disse uma coisa muito bacana:

**“Minhas heroínas sempre se
metem em confusões complicadas,
mas sempre dão um jeito
de sair delas. Audrey, embora seja
a mais jovem, é a que enfrentou
os problemas mais sérios.
Mas ela se saiu muito bem,
mantendo o bom humor
mesmo quando o assunto
era tão sombrio.”**

E eu pensei: “É exatamente isso!”. Não só porque é possível ver isso no livro, mas porque Audrey perdeu o chão ao longo da história, mas não a consciência de quem era. Ela sabia muito bem do que tinha medo e a razão desse pânico, mas não encontrava a maneira de lidar com tudo isso e, aos poucos, com a ajuda externa, foi achando seu caminho.

E não precisa passar por *bullying* ou ter a idade da personagem para se identificar com o que ela passou. Acho que YA, mais do que qualquer outro gênero, nos causa empatia. Lembramos do que passamos ou ainda estamos passando. Até porque alguns temas continuam a nos cercar mesmo depois de ingressarmos na fase adulta.